



O AVANÇO DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NO BRASIL E A QUEBRA DE PRECONCEITOS: UMA QUESTÃO DE ADAPTAÇÃO TECNOLÓGICA

*Carlos Cesar Pereira de Almeida Filho, Naura Sthocco Silva, Gabriela Miranda de Oliveira,
Kamila Freire Fonseca*

Introdução

A modalidade de Educação a Distância - *EAD* vem inaugurar novas possibilidades no acesso à educação, ampliando o processo de ensino aprendizagem efetivado por meio do uso de recursos tecnológicos de informação e comunicação diante da separação física e temporal entre professores e alunos. Oliveira[7] afirma que a *EAD* não pode ser apresentada e conceituada como um simples instrumento para o uso das tecnologias na educação, mas sim compreendida como uma prática educativa mediada e situada por esses recursos. Para Mill [5] o uso conjugado das tecnologias de informação e comunicação - *TICs*, denominado de telemática, possibilitou um avanço imaginável no campo da educação.

A *EAD* cresceu vertiginosamente no decurso das últimas décadas devido à capacidade de se adaptar às diferentes realidades dos indivíduos que buscam se qualificar e que, por vários motivos, não conseguem realizar na modalidade presencial de ensino. No entanto, a intermediação da educação pelo uso das *TICs* ainda sofre por preconceito e ideias depreciativas, com acusações como a de oferecer ensino de qualidade inferior ao modelo de ensino presencial. Preconceito esse perpetrado pela comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

Nesse sentido, o presente estudo objetiva investigar os cenários de crescimento e desenvolvimento do ensino a distância e a presença de ideias negativas e preconceituosas em relação à sua receptividade e aceitação como uma modalidade de ensino fidedigna. Sob a hipótese que o preconceito em relação à *EAD* ainda permanece na sociedade devido à própria dificuldade de uma parcela em se adaptar as novas tendências educacionais resultantes dos avanços das novas tecnologias da informação e comunicação no âmbito da educação e enxergar nesses prospectos, alternativas pertinentes e promissoras de formação.

Material e métodos

Trata-se de uma revisão bibliográfica com enfoque nos temas da *EAD*, seu avanço, os preconceitos e estigmas dessa modalidade no cenário educacional brasileiro. Os dados pesquisados foram extraídos de bibliografias especializadas, artigos indexados em bases de dados e documentos legais sobre a regulamentação e implementação da *EAD* no Brasil e as resistências conferidas a esta modalidade de ensino. Algumas destas bibliografias estão nas indicações de cadernos didáticos dos cursos de graduação da Universidade Aberta do Brasil-UAB oferecidos no âmbito da Universidade Estadual de Montes Claros

Resultados e Discussão

Segundo apontamentos do Ministério da Educação [5], os dados do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância, indicaram por meio dos resultados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP/MEC, alguns avanços da *EAD* nos últimos anos no cenário brasileiro, principalmente no que se refere ao aumento do número de cursos oferecidos entre os anos de 2003 a 2006, passados de 52 para 349 cursos. De acordo com Rocha [8], 1 a cada 73 brasileiros estuda a distância, e mais de 2,5 milhões de brasileiros estudaram em cursos com metodologias a distância no ano de 2007. O último Censo da Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED, divulgado em 2011, revelou que o número de matrículas em cursos *EAD* aumentou 58% entre os anos de 2010 e 2011. Esse índice refere-se à, aproximadamente, 3,5 milhões matrículas.

Ao analisar os investimentos destinados à modalidade de *EAD* e da ampliação no número de cursos em instituições de ensino público no Brasil nos últimos anos, Bramé [3] considera que as iniciativas privadas e públicas investem muito nesse tipo de modalidade. Na esfera pública, destaca a Universidade Aberta do Brasil (UAB), entidade voltada à pesquisa em educação superior e que compreende formação inicial e continuada para profissionais do



magistério e da administração pública. A sua organização se pauta em polos educacionais e em sistemas de acompanhamento tutorial aos discentes. Em 2009 foram aprovados 193 cursos, totalizando aproximadamente 750 polos em diferentes municípios. A meta é que no ano de 2013 chegasse ao número de 1000 polos atendendo a aproximadamente 800.000 alunos.

Alves [1] considera que para entender a existência de preconceito até os dias de hoje em relação à *EAD* no Brasil, deve-se compreender o desenvolvimento de implantação da modalidade, que foi marcada por avanços e retrocessos, e em alguns momentos de períodos de estagnação, provocados principalmente pela ausência de políticas públicas para a área. O Brasil foi citado entre os principais países no que se refere à *EAD* até meados dos anos 1970, sendo que após esse período viveu um momento de pausa sendo superado por outros países e, no final da década de 1990 iniciou novos avanços.

Mesmo diante dos quadros estatísticos que indicam avanços alcançados pela *EAD*, a modalidade tem ainda hoje se esforçando para ganhar credibilidade diante das Instituições de Ensino Superior e da comunidade acadêmica que tem resistido aos cenários oferecidos pela *EAD*. No processo de enfrentamento da educação a distância em busca de credibilidade, Alves[1] indica que esta modalidade deve se estruturar para o ganho de aceitação em meio à comunidade acadêmica e consolidar sua trajetória, considerando que quanto mais transparentes forem as informações sobre a estruturação e organização de cursos e programas a distância, e quanto mais conscientes estiveram os estudantes de seus direitos, deveres e atitudes de estudo, maior a credibilidade das instituições e mais bem-sucedidas serão as experiências na modalidade a distância.

Para Oliveira [7], a *EAD* revolucionou o processo de ensino-aprendizagem ao passo que apresentou outras possibilidades para promoção de uma educação de qualidade a um público geograficamente disperso por meio da mediação de recursos tecnológicos de informação e comunicação. Numa roupagem caracterizada pela interatividade e não linearidade, a *EAD* não se apresenta como saída para o modelo tradicional de educação, mas sim, uma forma de complementá-lo, objetivando uma educação inclusiva.

Quanto às atitudes preconceituosas relativas ao uso das tecnologias na educação, Corrêa e Santos [4] afirmam que o mesmo ocorreu no passado com o uso do telefone, o rádio, o cinema e a televisão quando utilizados para fins educacionais.

O embate entre o modelo educacional tradicional e as novas perspectivas e práticas de se ensinar por meio do uso dos recursos tecnológicos, estão imbricados dentro do processo de socialização onde os indivíduos se formam e se transformam. Nesse aspecto, Crochik[4] considera que esse processo de socialização, só pode ser entendido como resultado da cultura e da história dos indivíduos. E é nos embates presentes nesse processo de constituição do indivíduo, que envolve a socialização, quando ao próprio desenvolvimento da cultura resultante a adaptação da luta pela sobrevivência, que o preconceito surge como respostas a esses conflitos. O medo frente ao desconhecido, do diferente, é mesmo o produto daquilo que não se conhece, do que daquilo que não se quer e que não se pode reconhecer em si por meio de outros.

Para Corrêa e Santos [4], os estereótipos construídos em torno do uso das *TICs* gera desconfiança em relação ao que a *EAD* oferece, rejeitando-a a um segundo plano no conjunto de prioridades atuais do país e considerando-a como um ensino de segunda classe, de baixa qualidade e que não atende aos anseios da sociedade.

No bojo que configura as aceleradas modificações na sociedade devido ao uso cada vez mais expressivo dos recursos tecnológicos no dia a dia, os preconceitos surgidos podem ser entendidos como uma forma de resistências às novas ferramentas para comunicação. Assim, segundo Pinheiro [9], não se deve pensar que a utilização dos recursos tecnológicos é absorvida por todos com igualdade, gerando para algumas dificuldades ao romper com velhas práticas de comunicação. Pois, alguns indivíduos se adaptam melhor e mais rapidamente às mudanças tecnológicas; outros indivíduos se adaptam, mas não de forma tão rápida e temos ainda aqueles que não conseguem se adaptar o que gera certo "stress". Porém, este "stress" não deve ser relacionado capacidade do indivíduo em se adequar às mudanças e sim, à má estruturação e disseminação da tecnologia na sociedade, tanto pelos governos quanto pela sociedade civil, notadamente pela falta de uma abordagem sistêmica e estratégica.

Sobre essa dificuldade de alguns indivíduos se adaptarem às ligeiras modificações que vem ocorrendo nas tecnologias de informação e comunicação, Moran [7] entende que as questões ainda não se enquadram em um nível uniforme devido à desigualdade econômica e a inacessibilidade que ainda impede a democratização do acesso a esses recursos tecnológicos. Sendo que a grande desigualdade econômica, de acesso, de maturidade, de motivação das pessoas, estando alguns preparados para a mudança, outros muitos não, tornando dificultoso alterar os padrões adquiridos das próprias organizações, governos, dos profissionais e da sociedade.

Essas confusões e impropriedades geradas pelas profundas mudanças ocorridas no processo de ensino-aprendizagem podem ser entendidas como resultados da própria desinformação da população sobre o organização da



EAD e da dificuldade de adequação às *TICs*, que ainda aflige uma parcela da sociedade, podendo ser considerados componentes essenciais para existência de preconceitos em relação a EAD. Sendo que os avanços tecnológicos proporcionados, principalmente, pelas *TICs*, além das organizacionais e gerenciais estão representando novos desafios para os indivíduos na sociedade em geral.

Assim, deve-se considerar que a questão do preconceito possui um componente cultural, ainda fortemente presente na sociedade brasileira, mas que pode ser considerada pelos próprios fracassos ocorridos no processo de implantação da *EAD* no Brasil, o que contribuiu para uma rejeição inicial. Sobre as dificuldades na formação de projetos que assegurassem o desenvolvimento e da legitimação que abrangem a *EAD* no Brasil, Alves[1] aponta que nos dias atuais a criação de curso de graduação a distância, principalmente licenciatura, vinculadas as universidades públicas tradicionalmente presenciais e bastante audaciosas e muitas vezes mal vista, mesmo pela própria Universidade e seus membros, tanto do corpo discente como docente. Entretanto, essa afirmação é fruto de conversas e observações sem um tratamento científico adequado.

Segundo Corrêa e Santos [4] o preconceito dos alunos do ensino superior em relação aos cursos oferecidos no âmbito de educação à distância esta atrelado principalmente a questão da qualidade dos cursos, implicando principalmente na formação não específica dos professores que atuam nesta modalidade e também no uso incorretos dos recursos de informática disponíveis.

Todavia, segundo Moran [7] já vivenciamos um tempo de transição onde a adaptação aos meios tecnológicos se faz mediante a necessidade de atividades diárias comuns como e-mails, formulários virtuais e outras atividades que empregam o uso dessas novas tecnologias de informação e comunicação. Além disso, o autor considera que esse momento, que compreender a superação dos modelos predominantes individuais já está dando lugar aos modelos coletivos previstos pela *EAD*.

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

O avanço da *EAD* no cenário educacional brasileiro é evidenciado pelos atuais acréscimos nos números de alunos e de cursos virtualmente oferecidos por instituições de ensino superior credenciadas pelo MEC. Todavia, mesmo diante do acelerado avanço dos recursos tecnológicos de informação e comunicação, uma parcela da população ainda possui dificuldade de adequar a aplicabilidade desses novos recursos na prática educacional, acarretando na descrença do potencial que a *EAD* frente aos métodos tradicionais de ensino.

Assim, compreende-se que as atitudes preconceituosas que marcam a resistência em relação à *EAD* no Brasil é uma característica do próprio movimento de transição de adaptação aos recursos tecnológicos de informação e comunicação por parte da população, que somados às más experiências obtidas pela modalidade em um passado recente da história educacional brasileira, ainda permanecem arraigadas em julgamentos desqualificadores sem fundamentos.

Referências

- [1] ALVES, João Roberto Moreira. **A história da EAD no Brasil**. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M.(Orgs). *A Educação a Distância o Estado da Arte*. São Paulo: Pearson Education, 2009.
- [2] BRAMÉ, Marieni Luiza. O crescimento da educação a distância: uma discussão sobre seu caráter ideológico. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 8, 2010. Anais VIII Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas – SEPECH. Londrina: Eduel, 2010.
- [3] CORREA, Stevan de Camargo; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho. **Preconceito e educação à distância**: atitudes de estudantes universitários sobre os cursos de graduação na modalidade a distância. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.11, n.1, jul./dez. 2009. p.273-297.
- [4] CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 3. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- [5] MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Os avanços da Educação a Distância. Portal MEC, 2008. Disponível em: <</portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=10388>. Acessado em 5 dez. 2014.
- [6] MILL, Daniel. **Educação a distância e trabalho docente virtual**: sobre a tecnologia, espaços, tempos, relações sociais de sexo e coletividade na idade mídia. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. UFMG, 2006. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- [7] MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. São Paulo, Papirus Editora, 2000.
- [8] OLIVEIRA, Ramony Maria da Silva Reis. **Subjetividade e docência virtual**. *Revista Extra Classe*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, 2009.
- [9] PINHEIRO, José Maurício Santos. **Sociedade e Tecnologia**: um par inseparável. 2004. Disponível em: <</www.projetoderedes.com.br/artigos/artigo_sociedade_e_tecnologia.php>. Acesso em: 15 jun. 2014.



o FEPEG | FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

REALIZAÇÃO



AFORO



[10] ROCHA, Meline Gomes. **Avanço da educação no Brasil**. Anais do UEADSL, v. 1, n. 2, 2011.